



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARRAIAS PROF. DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DOUGLAS REIS DOS ANJOS**

**SOFRIMENTO PSÍQUICO DAS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TOCANTINS NO CAMPUS DE ARRAIAS**

ARRAIAS/TO  
2024

**DOUGLAS REIS DOS ANJOS**

**SOFRIMENTO PSÍQUICO DAS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TOCANTINS NO CAMPUS DE ARRAIAS**

Monografia foi avaliada e apresentada à  
UFT - Universidade Federal do Tocantins -  
Câmpus Universitário Professor Doutor  
Sérgio Jacintho Leonor, Arraias - TO,  
curso de Pedagogia para obtenção do  
título de Licenciado em Pedagogia e  
aprovada em sua forma final pelo  
Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Elisabete da Silveira  
Ribeiro

ARRAIAS/TO  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

A599s Anjos, Douglas Reis dos.

SOFRIMENTO PSÍQUICO DAS ESTUDANTES DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS NO CAMPUS DE  
ARRAIAS. / Douglas Reis dos Anjos. – Arraias, TO, 2025.  
30 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2025.

Orientadora : Elisabete da Silveira Ribeiro

1. TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR. 2. COMO A  
UNIVERSIDADE LIDA COM OS ESTUDANTES COM SOFRIMENTO  
PSÍQUICO. 3. CAMINHOS PERCORRIDOS NA UNIVERSIDADE  
PARA SE INFORMAR SOBRE AS POLÍTICAS DE SOFRIMENTO  
PSÍQUICO. 4. PERMITA QUE EU FALE. I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de  
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que  
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime  
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha  
catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

DOUGLAS REIS DOS ANJOS

### SOFRIMENTO PSÍQUICO DAS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS NO CAMPUS DE ARRAIAS

Monografia foi avaliada e apresentada à  
UFT - Universidade Federal do Tocantins -  
Câmpus Universitário Professor Doutor  
Sérgio Jacintho Leonor, Arraias - TO,  
curso de Pedagogia para obtenção do  
título de Licenciado em Pedagogia e  
aprovada em sua forma final pela  
Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 16 / 08 / 2024

Banca Examinadora



**ELISABETE DA SILVEIRA RIBEIRO**

Data: 29/08/2024 16:16:47-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisabete da Silveira Ribeiro, UFT



**JANAINA SANTANA DA COSTA**

Data: 10/10/2024 22:01:37-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janaina Santana da Costa, UFT



**ELIANE PINTO TEIXEIRA**

Data: 29/08/2024 18:16:05-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Eliane Pinto Teixeira, UFT

ARRAIAS, 2024

*Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus. A seguir, a minha mãe e a professora orientadora. Logo após, as estudantes que participaram desta pesquisa.*

## **AGRADECIMENTOS**

A princípio quero agradecer a Deus por me proporcionar mais esta vitória. Em seguida agradeço à minha mãe, Maria Santana Reis dos Anjos (in memoriam), entendendo que tivemos que devolver a Deus o que tínhamos pego emprestado. Ela infelizmente não está mais entre nós. Agradeço também às colaboradoras desta pesquisa, as quais foram de suma importância para que possamos colocar o assunto em jogo. Gostaria de agradecer às minhas irmãs, que fazem parte da minha vida e que me ajudaram ao longo do processo. Fica aqui meu agradecimento às pessoas que me incentivaram, dizendo “você vai conseguir!”, nos dias em que eu mesmo duvidei que ia conseguir. Agradeço a minha família e ao meu pai e meu irmão também, não é fácil perder nosso exemplo de luta e batalha e que mesmo na dificuldade nunca desistiu. Agradeço aos professores que tive durante todo o processo até aqui. Agradeço imensamente à minha orientadora, Elisabete da Silveira Ribeiro, que topou mais esse desafio, que não foi fácil, mas de passo em passo, sem pressa, chegamos aqui, concluindo este processo iniciado em 2018. Às pessoas que eu esqueci de agradecer, fica aqui meu agradecimento a vocês.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo problematizar a falta de políticas de amparo aos/as estudantes em sofrimento psíquico na Universidade Federal do Tocantins no campus de Arraias. Como problema de pesquisa questionamos: como a Universidade Federal do Tocantins, no campus de Arraias lida com o sofrimento psíquico dos/das estudantes? Utilizamos entrevistas narrativas com estudantes em sofrimento psíquico, para tanto dialogamos com autores como: Dunker e Thebas (2021), Mota, Pimentel e Mota (2023) Minayo (2012), e Evaristo (2020). Como principais resultados, percebemos que há uma falta de cuidado psíquico no espaço universitário e que este assunto necessita ser mais discutido e precisa estar nos planejamentos da universidade. Há assim uma necessidade de políticas que possam melhor apoiar o/a estudante em sofrimento. Ressaltamos a importância de uma equipe multiprofissional de prevenção, contando com pedagogo, psicólogo e assistente social, no campus, possibilitando assim uma preparação para bem estar psíquico dos estudantes, que os estimulem a permanecer e ter sucesso no curso universitário. Enfatizamos que percebemos mais mulheres do que homens se revelando em sofrimento psíquico, inclusive as três participantes desta pesquisa. Das três jovens mulheres, duas são negras.

**Palavras-chaves:** Estudantes universitárias; sofrimento psíquico; políticas públicas de cuidado.

## ABSTRACT

*This research aims to problematize the lack of support policies for students in emotional distress at the Federal University of Tocantins on the Arraias campus. As a research problem, we ask: how does the Federal University of Tocantins, on the Arraias campus, deal with the psychological suffering of students? We used narrative interviews with students in psychological distress, to do so we spoke with authors such as: Dunker and Thebas (2021), Mota, Pimentel and Mota (2023) Minayo (2012), and Evaristo (2020). As main results, we realized that there is a lack of psychological care in the university space and that this subject needs to be discussed more and needs to be in the university's plans. There is therefore a need for policies that can better support students in distress. We emphasize the importance of a multidisciplinary prevention team, including a pedagogue, psychologist and social worker, on campus, thus enabling preparation for the emotional well-being of students, which encourages them to remain and succeed in the university course. We emphasize that we noticed more women than men revealing themselves to be in psychological distress, including the three participants in this research. Of the three young women, two are black.*

**Key-words:** University students; psychic suffering; public care policies.

## LISTA DE QUADRO

Quadro 1- Entrevista

11

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|           |                                            |
|-----------|--------------------------------------------|
| CMEB      | Centro Municipal de Educação Básica        |
| CMTO IV   | Colégio Militar do Tocantins IV            |
| COVID -19 | Coronavírus Disease - 19                   |
| JBC       | Joana Batista Cordeiro                     |
| TCLE      | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| UFT       | Universidade Federal do Tocantins          |

## SUMÁRIO

|     |                                                                                                            |    |
|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1   | INTRODUÇÃO.....                                                                                            | 01 |
| 2   | TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR.....                                                                             | 04 |
| 3   | COMO A UNIVERSIDADE LIDA COM OS ESTUDANTES COM<br>SOFRIMENTO PSÍQUICO.....                                 | 05 |
| 4   | CAMINHOS PERCORRIDOS NA UNIVERSIDADE PARA SE<br>INFORMAR SOBRE AS POLÍTICAS DE SOFRIMENTO<br>PSÍQUICO..... | 07 |
| 4.1 | PERMITA QUE EU FALE.....                                                                                   | 08 |
| 5   | DESENHO METODOLÓGICO.....                                                                                  | 09 |
| 6   | FECHAMENTOS DAS CENAS.....                                                                                 | 16 |
| 7   | CONSIDERAÇÕES.....                                                                                         | 17 |
| 8   | REFERÊNCIAS.....                                                                                           | 18 |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso de Pedagogia teve como objetivo principal conhecer as políticas de assistência estudantil que envolvem os alunos com sofrimento psíquico no campus Prof. Dr. Sérgio Jacintho Leonor da Universidade Federal do Tocantins, em Arraias/TO. E, como objetivos específicos: compreender como são aplicadas as políticas de assistência estudantil, no que diz respeito ao cuidado com os estudantes em situação de sofrimento psíquico no campus e conhecer a visão do estudante em relação a como deveriam ser as políticas de acolhimento, oferecidas pela UFT, na assistência estudantil.

O problema de pesquisa é como a universidade lida com estudantes em sofrimento psíquico? A metodologia de pesquisa que utilizamos foi Narrativas Autobiográficas.

Este trabalho está organizado do seguinte modo: Introdução, trajetória do pesquisador, fundamentação teórica, desenho metodológico, conclusão e referências. Dialogamos, principalmente, com os seguintes autores: Dunker e Thebas(2021) Mota, Pimentel e Mota (2023), Minayo (2012), e Evaristo(2020).

Ao modo de organização, de relações sociais aligeiradas que vivemos na contemporaneidade, Baumann (2007) chamava de sociedade líquida, a qual não nos dá a real ideia se alguém está bem, pois através das palavras, ela/ele pode esconder o que realmente está sentindo durante toda sua vida e nesta liquidez não dispomos de tempo para saber da vida real das pessoas. Todos nós podemos passar por situações que afloram ou acentuam sofrimentos, mesmo que não tenhamos ninguém para nos escutar.

Ana Beatriz Silva (2023) demonstram que guardar sentimentos como de inferioridade e tristeza para si, promove sofrimento de forma aumentativa e nunca se sabe o que realmente pode acontecer. Existem alguns casos que são potencializadores de sofrimento, como por exemplo, bullying, ansiedade, obesidade, transtornos alimentares, que apresentam marcas profundas em quem os sofre.

Bernardes e Rosa (2022) apontam a necessidade de políticas públicas voltadas à saúde mental nas universidades. Assim, pode-se notar que há urgência de criação de políticas de assistência estudantil que se tornem efetivas e que possam ser acessadas, quando forem requisitadas. Não só para amenizar, mas para combater e prevenir acontecimentos desastrosos. Através de políticas de

assistência, promovidas pela escuta e interação entre alunos, que possam compartilhar experiências e, através do diálogo, possibilitar que se tenha mais apoio e uma melhor assistência estudantil.

Corroboramos com Dunker e Thebas (2021, p.66) quando diz que a prática da escuta deve estar organizada como “arte de dosar o silêncio e encontrar a justa posição de escutar, depois pela arte de colocar perguntas”. Ou seja, as protagonistas desta pesquisa nos permitem escutá-las, ao passo em que emprestamos nossos ouvidos para realizarmos essa escuta, de modo a aprendermos a silenciar para ouvi-las e, apenas depois de ouvi-las, colocar algumas perguntas para que possamos escutá-las melhor. Ademais, “a escuta também é a arte de nos tornarmos outros para nós mesmos, e deixarmos que o outro se torne um habitante de nós” (Dunker e Thebas, 2021, p.70)

Escutar o outro implica alguma capacidade ou esforço para fazer o papel que se exige ou pede. Ora, quando alguém fala, este alguém vai construir um mundo, com seus pressupostos, com sua história e com seus futuros possíveis. Neste mundo há um palco, e no centro do palco está o protagonista que estamos a escutar. Por isso, quando vamos entrar em cena, é preciso calcular, ainda que seja uma estimativa de afetos e afinidades, de que lugar vamos participar daquele mundo. Para Dunker e Thebas (2021, p.74) “dialogar é [...] empenhar-se para que o significado do que o outro diz e do que o outro sente chegue até você”

Dantas, (2009) enfatiza que nos dias atuais as relações entre pessoas ocorrem mais através de telas e com isso muitos abrem mão de se encontrar para conversar pessoalmente, até mesmo para tomar um café ou realizar outra atividade junto às pessoas. Fechados no mundo virtual muitos perdem seus contatos sociais presenciais.

Escolhemos a pesquisa qualitativa que segundo Minayo (2012, p.22/23) responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Conforme Evaristo (2020, p. 35)

Como uma pulsação antiga, que corre em mim por perceber um mundo esfacelado, desde antes, desde sempre. E o que seria escrever nesse mundo? O que escrever, como escrever, para que e para quem escrever? Escrivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por

se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha.

Assim, assumimos que as histórias que compõem este trabalho estão imbricadas com nossas histórias. Mota, Pimentel e Mota (2023, p.2) tentando compreender as vivências de sofrimento universitário, explicam

A complexidade das novas demandas cognitivas em um ambiente desconhecido, assim como as expectativas individuais e coletivas relativas ao ingresso no ensino superior, associadas ao afastamento dos vínculos sociais, muitas vezes da família, já estabelecidos, como fatores que contribuem para o surgimento de situações de estresse, angústia, cobranças e pressão.

Conforme as autoras, dentro do espaço universitário as relações interpessoais e a crescente cobrança que envolve a vida acadêmica, para moldar-se a instituição, pode aumentar a insegurança psíquico (Mota, Pimentel e Mota, 2023). A pesquisa de Mota, Pimentel e Mota (2023) demonstra que o adoecimento psíquico dentro da Universidade Federal do Tocantins, chegou ao seu ápice, em 2017, em que em menos de um ano registrou 3 suicídios de alunos na graduação.

A universidade é um espaço de aprendizado, inclusive de ampliação das relações interpessoais, o que muitas vezes é bastante positivo, todavia, também pode ser espaço de atritos e relações desgastantes, o que pode aflorar sofrimentos. (Mota, Pimentel e Mota, 2023)

Dunker e Thebas (2021, p.69) afirma que, principalmente, a partir da juventude, tudo na vida social

Passa a girar em torno de demandas e das soluções de demandas, à medida que elas vão sendo resolvidas, isso pode ser muito bom para [a instituição de ensino], mas é péssimo para as pessoas que se sentem vazias, mecanizadas e funcionalizadas como máquinas de desempenho.

Para Matos (2013, p. 13) os/as estudantes “vivenciam um choque de realidade, pois expandem seus valores culturais e sociais construídos durante seu processo de maturação e irão construir e reconstruir novos hábitos, e consequentemente sua identidade”, forjada, também no espaço acadêmico.

Mota, Pimentel e Mota (2023), quando apontam a indispensabilidade de mudanças nos Projetos Pedagógicos dos Cursos, levando em consideração essas questões preveem a necessidade de implementação de políticas de prevenção ao sofrimento psíquico, as quais não devem esperar que o estudante sofra, devem ser, portanto, preventivas. (Mota, Pimentel e Mota, 2023) Desse modo, como resultados

principais evidenciamos que a Universidade Federal do Tocantins deixa a desejar no sentido de ofertar políticas públicas de acolhimento a estudantes com sofrimento psíquico.

## **2 TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR**

Este trabalho está fortemente imbricado com minha história de homem negro, de origem pobre, com 28 anos de idade e está cursando Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Assim, revelo que não lembro muito da minha infância, porém lembro que minha mãe sempre trabalhou muito para que não faltasse nada para nós, seja relacionado à roupa ou alimentos e às vezes nos colocava na creche o dia todo, para que pudéssemos nos alimentar, enquanto ela ia trabalhar.

Alguns fatos importantes sobre a época da escola assolam minha memória. Lembro-me quando morávamos no Setor Buritizinho e eu estudava na Escola Apoenan de Abreu Teixeira (hoje Centro Municipal de Educação Básica Apoenan de Abreu Teixeira, CMEB do setor Buritizinho), eu não ficava em uma sala regular, mas numa classe especial. A sala que eu estudava era pequena e mais parecia um quarto de solteiro, era uma sala um pouco afastada das outras, onde cabiam poucas cadeiras.

Um dia nos mudamos desse setor para perto da Escola Jacy Alves de Barros (hoje transformada em Escola militar, Colégio Militar Jacy Alves de Barros -CMTO IV) e, então quando comecei a estudar, foi em uma sala que era feita de madeira, uma classe especial, espécie de reforço, nas suas próprias palavras. Quando chovia, a água passava toda pelo chão desta sala, onde eu também fazia caligrafia. Nunca tive uma letra boa. Depois comecei a estudar na sala com outros alunos, porém nunca foi de ter muitos amigos ou ter uma galera. Sempre fui solitário no quesito amizade.

Houve um tempo que eu não queria estudar, ficava mais fora da sala de aula, passeando, o resultado foi a reprovação, porque eu não estudava e ficava jogando cartas. Não me lembro ao certo, mas reprovei, acho que duas vezes, porém acordei a tempo de melhorar, estudar mais e conseguir passar nas outras séries.

Houve um tempo em que eles deram uma medalha para o aluno destaque de cada turma. Nunca pensei que seria um dia na minha vida, um destaque. Então veio a surpresa, consegui ser um aluno destaque. Isso foi bem importante para a minha autoestima. E, continuei passando de série, até chegar no ensino médio. Lembro

que para acessar a vaga no Ensino Médio, minha mãe levantou bem cedo para conseguir me matricular no Colégio Joana Batista Cordeiro, conhecido como J.B.C. Foi um período bom de estudo lá. Só a quadra que não ajudava muito, pois não era boa. Terminei o Ensino Médio, mas não entrei logo na universidade. Entrei um ano depois e estou atualmente cursando Pedagogia, quase me formando.

Eu sempre me senti sozinho, percebi que outros estudantes passaram por essa situação e decidi estudar sobre o sofrimento psíquico dos estudantes da Universidade Federal do Tocantins, no Campus de Arraias/TO.

### **3 COMO A UNIVERSIDADE LIDA COM OS ESTUDANTES COM SOFRIMENTO PSÍQUICO**

A escolha deste tema partiu da necessidade de saber como a universidade lida com o sofrimento psíquico dos estudantes. Assim, Douglas lançou-se em busca de saber quais acadêmicos/acadêmicas estão nessa condição e como são aplicadas políticas públicas de cuidado a quem está em sofrimento. Douglas interessa-se em saber como os estudantes em sofrimento serão amparados, como terão o suporte necessário em todas as etapas de estudo no Curso superior. Pensa que deveriam haver programas de escuta para que não se sintam sozinhos.

Douglas percebe que ultimamente o mundo anda cada vez mais corrido e isto promove o adoecimento das pessoas, já que perdem o contato presencial, trocado por o contato de telas, modificando assim, as interações sociais. Entende, porém que nos dias atuais as relações entre pessoas ocorrem mais através de telas e com isso muitos abrem mão de se encontrar para conversar pessoalmente ou até mesmo para tomar um café ou realizar outra atividade junto às pessoas. Fechados no mundo virtual muitos perdem o contato com o social (Dantas, 2009) e quando saem do mundo das telas pode-se notar um adoecimento, ocasionado pelo afastamento da produção de seu mundo paralelo. O pesquisador percebe que ocorre cada vez mais um aumento do número de casos de isolamento social, fazendo do espaço virtual uma nova geografia, um espaço próprio para forjar vivências, seu próprio mundo, ocasionando um fechamento para amizades e interações sociais presenciais.

O mundo passou por um período pandêmico, na ocasião da COVID-19, onde cada cidadão teve que ficar em casa, longe de qualquer tipo de relação social presencial, com indivíduos fora de seu círculo familiar nucleado, elevando assim os

casos de isolamento social. Com isso as pessoas ficaram mais ansiosas, o que fez aflorar e aumentar os casos de depressão e suicídio.

O contato crescente através das telas, no que Baumann (2007) chamava de sociedade líquida, não nos dá a real ideia se alguém está bem, pois através das palavras, ela/ele pode esconder o que realmente está sentindo na sua vida. Todos nós podemos passar por situações que afloram ou acentuam sofrimentos, mesmo que não tenhamos ninguém para nos escutar.

Muitas pessoas têm receio do julgamento, que assevera o sofrimento. Uma palavra dita de modo agressivo ou pejorativo, pode deixar marcas profundas numa pessoa. Estudos de vários autores, entre eles Ana Beatriz Silva (2023), demonstram que guardar sentimentos como de inferioridade e tristeza para si, promove sofrimento de forma aumentativa e nunca se sabe o que realmente pode acontecer. Existem alguns casos que são potencializadores de sofrimento, como por exemplo, bullying, ansiedade, obesidade, transtornos alimentares, que apresentam marcas profundas em quem as sofre.

Alguns lugares são mais promotores de sofrimento. Douglas questiona que lugares ou situações são esses: Escola? Família? Relações sociais com amigos e parentes? Fim de relacionamento? Traição? Todos esses espaços geradores de laços sociais, são capazes de desencadear situações de sofrimento, porém, o pesquisador prefere falar mais especificamente dos sofrimentos gerados na e pela escola.

A escola, que era para ser um ambiente onde acontecem as primeiras relações sociais fora da família, berço da diversidade, onde se encontram diferenças sociais de classes, raça, deficiência, gênero e sexualidade é, também onde se percebem preconceitos muito severos com cada uma dessas diferenças. Para alguns, a diferença é vista como inferioridade e o julgamento é desde a cor da pele, peso, cabelo a orientação sexual do indivíduo. Alguns acham mais fácil julgar do que defender a diversidade.

Estamos vivendo tempos muito contraditórios e tensos, tanto que há alguns anos atrás, ninguém se atreveria a defender o nazismo, que exterminou milhões de pessoas, ou mesmo o nazista e genocida Adolf Hitler, que na época da segunda Guerra Mundial apresentava a ideia absurda de raça superior. Esse nome era, como deveria ser, inclusive evitado, porém atualmente alguns o veneram e se sentem no direito de saírem por aí julgando outros, que eles entendem como inferiores, como

sub-raça. Esta realidade, fomentada pelo ex-presidente da república, Jair Bolsonaro, da extrema direita no Brasil, fez com que aumentasse significativamente os casos de bullying, o que por consequência é um dos motivos de alguns ataques, principalmente, às escolas que ocorreram no país e no mundo a fora.

O bullying é um estopim para casos de suicídios e assassinatos. São muitos os casos de bullying que resultam em indivíduos que cometem ataques ou tiram a própria vida. Nos dias atuais os índices demonstram que há um número bastante elevado de pessoas com crises de ansiedade e outros sofrimentos psíquicos e poucas atividades de prevenção e acolhimento desse sofrimento. No pós-pandemia esses números aumentaram ainda mais, o que faz com que o pesquisador se preocupasse com esse tema.

#### **4 CAMINHOS PERCORRIDOS NA UNIVERSIDADE PARA SE INFORMAR SOBRE AS POLÍTICAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO**

Preocupado com este contexto Douglas percorreu caminhos buscando compreender como as políticas de cuidado são desenvolvidas na Universidade Federal do Tocantins, no campus de Arraias-TO. A primeira coisa que fez foi procurar o diretor do campus, prof. Tony que prontamente, com a cordialidade de sempre, o atendeu. Douglas questionava como a universidade lida com os estudantes com sofrimento psíquico. Falando com o diretor ele revelou que a instituição não tem muitas políticas voltadas à esta questão, mas que tem o auxílio saúde, que traz como função o custeio de compras de remédios ou pagamento de consultas. Indicou também um aplicativo, onde se pode ter acesso a psicólogos e consultas com os mesmos. O professor Tony revelou ainda que acha fundamental um psicólogo, para atender no campus, mas que a instituição ainda não tem.

O diretor passou o contato de um professor de outro campus, que estava desenvolvendo um programa para atender pessoas em situação de sofrimento psíquico, entretanto ao entrar em contato com esse professor, ele disse que estava saindo para o doutorado e que poderia auxiliar apenas com fundamentação teórica sobre o assunto e lhe enviou vários textos.

Douglas então procurou a Assistência Estudantil do campus que ratificou, que no momento a instituição oferecia apenas o auxílio saúde e reclamou também da falta de um psicólogo para atendimento no campus.

Desse modo, corrobora com Bernardes e Rosa (2022) quando apontam a necessidade de políticas públicas voltadas à saúde mental nas universidades. Assim, pode-se notar que há urgência de criação de políticas de assistência estudantil que se tornem efetivas e que possam ser acessadas, quando forem requisitadas. Não só para amenizar, mas para combater e prevenir acontecimentos desastrosos. Através de políticas de assistência, promovidas pela escuta e interação entre alunos, que possam compartilhar experiências e, através do diálogo, possibilitar que se tenha mais apoio e uma melhor assistência estudantil.

#### **4.1 PERMITA QUE EU FALE**

Então Douglas descobriu o projeto coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Elisabete da Silveira Ribeiro, com um grupo de estudantes do curso de Pedagogia. O projeto era muito simples, constituía-se em aceitar cartas de estudantes em sofrimento, com pseudônimos, para que pudessem ser respondidas. O grupo garantia o sigilo das cartas, além de reunir-se uma vez por semana para estudar sobre escuta solidária, fundamentando-se, por exemplo, em livros como *O Palhaço e o Psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas*, de Christian Dunker e Cláudio Thebas (2021). Porém, esta estratégia não deu certo, pois as cartas esperadas, não chegavam, mas as pessoas continuavam a procurar a professora para dividir seus sofrimentos.

O grupo se reorganizou e criou um e-mail específico para falar do sofrimento, entendendo que talvez as pessoas ficassem com receio de se expor, já que a caixa de correspondências fica na biblioteca e, embora tenha sido tomado o cuidado de não deixar junto aos funcionários, as pessoas não escreveram. Outra hipótese que o grupo criou foi de que talvez as pessoas não tenham mais o costume de escrever, queiram apenas falar ou ainda não confiem em contar suas histórias para um grupo de pares, nesse caso de colegas estudantes. Esta estratégia também não deu certo. E, as pessoas continuaram procurando a professora.

Neste momento o grupo está se reorganizando para tomar a iniciativa de enviar cartas, através do e-mail, para pessoas que estão em sofrimento e que procuraram a referida professora.

Cabe ressaltar outras ações como a palestra do prof. Dr. Ladislau Ribeiro do Nascimento, nos dias 07 e 08 de agosto de 2023, intitulada de “*A vida Acadêmica e Saúde Mental*” que ao realizar um levantamento sobre a saúde mental das pessoas

do referido campus, corrobora da nossa preocupação com este tema, já que muitas pessoas se revelaram fragilizadas.

Conforme Dunker e Thebas (2021, p. 68) “o estar-junto, ou seja, a qualidade do encontro, tende a ser mais importante do que meramente chegar ao objetivo pretendido”, desse modo, o acolhimento sem julgamentos contribui para que a pessoa se sinta acolhida, assim o mais importante não é olharmos apenas para o final do processo, mas construir ombro a ombro o caminho da escuta solidária, do tempo feito lado a lado com confiança. Por conseguinte

Escutar o outro implica alguma capacidade ou esforço para fazer o papel que se exige ou pede. Ora, quando alguém fala, este alguém vai construir um mundo, com seus pressupostos, com sua história e com seus futuros possíveis. Neste mundo há um palco, e no centro do palco está o protagonista que estamos a escutar. Por isso, quando vamos entrar em cena, é preciso calcular, ainda que seja uma estimativa de afetos e afinidades, de que lugar vamos participar daquele mundo. (Dunker e Thebas, 2021, p.70)

Escutar não é só sentar e ouvir, é buscar compreender o que se ouve, é pensar, refletir e entender, falar pouco, procurando as melhores palavras, quando estas se fizerem necessárias, ou seja, nos colocando como bons ouvintes, pois as pessoas ouvidas passam por muitos julgamentos, alguns bastante pejorativos, que as fazem vivenciar muitos sofrimentos.

Segundo Dunker e Thebas (2021, p.74) “dialogar é [...] empenhar-se para que o significado do que o outro diz e do que o outro sente chegue até você”. Assim, advertimos, nem toda conversa é um diálogo. Saber escutar é diferente de, simplesmente, ouvir sem atenção, dessa maneira o diálogo produz-se numa troca de palavras que permite a aproximação entre duas ou mais pessoas. Entender o outro é tentar interpretar para compreender o que é dito, buscando que essa escuta promova a ideia de que nos importamos com o sofrimento alheio.

## **5 DESENHO METODOLÓGICO**

Escolhemos utilizar como metodologia a pesquisa de cunho qualitativo que segundo Minayo (2012, p.22/23)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Por conseguinte a pesquisa qualitativa, responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

No percurso da pesquisa qualitativa optamos por trabalhar com escrevivências a partir de Conceição Evaristo para quem, escrevivências seria: “um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver”. (Evaristo, 2017). Atualizando esse conceito a autora revela que escrevivência:

Antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (Evaristo, 2020, p. 35)

Ao refletirmos, nós podemos perceber como o mundo a nossa volta nos molda, e como o que ouvimos ou sentimos interfere no modo em que percebemos a vida, podemos nos apresentar como se estivéssemos bem, mas escondendo um sentimento de sofrimento. Quando aprendemos a andar deixamos nossos rastros nesse mundo e a cada passo escrevemos a história que poderá ou não será ouvida algum dia.

Alguns dizem que a vida deve ser um livro aberto, porém não é tudo que queremos contar ou escrever, pois se escrevemos nossa história nesse mundo, nem todos saberão lê-la. Vivemos, assim, um dilema, onde por um lado as redes sociais cobram que explicitamos nossas vidas e de outro há um julgamento sobre quem somos e o que sentimos. Assim, vivemos nos equilibrando, tentando nos encaixar em um mundo ideal. Precisamos desse modo nos fortalecer e buscar o fortalecimento daqueles que estão em situação de sofrimento, por não conseguirem se enquadrar nas exigências inalcançáveis da contemporaneidade.

Esta pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Tocantins, no Campus Professor Doutor Sérgio Jacintho Leonor, em Arraias/TO. Mais especificamente com estudantes do curso de Pedagogia. Tínhamos como possíveis sujeitos nove pessoas, entretanto, apenas três aceitaram participar da pesquisa, sendo elas Vanúbia, Renata<sup>1</sup> e Noeli<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Nome fictício;

<sup>2</sup> Nome fictício.

Utilizamos entrevistas que consistem em diálogo com as participantes da pesquisa, o tipo de entrevista produzida foi a semiestruturada que, conforme Minayo (2012, p. 65) “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”, possibilitando às entrevistadas uma maior liberdade em suas respostas, para que a partir destas, possamos fazer uma bricolagem organizando suas escrituras.

A seguir apresentamos a estrutura das entrevistas com as respectivas perguntas e respostas.

| <b>Entrevistas</b>                                                                                    |                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Perguntas/participantes</b>                                                                        | Vanúbia                                                                                                                             | Noeli                                                                                                                                                                | Renata                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Nome fictício escolhido pelo participante</b>                                                      |                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Idade</b>                                                                                          | 22                                                                                                                                  | 23                                                                                                                                                                   | 23                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Etnia</b>                                                                                          | Negra                                                                                                                               | Negra                                                                                                                                                                | Branca                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Gênero</b>                                                                                         | Feminino                                                                                                                            | Feminino                                                                                                                                                             | Feminino                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Curso</b>                                                                                          | Pedagogia                                                                                                                           | Pedagogia                                                                                                                                                            | Pedagogia                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Quando você entrou na universidade?</b>                                                            | 2019                                                                                                                                | 2019                                                                                                                                                                 | 2020                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Você já passou ou passa por situação de sofrimento na universidade? Se sim, explique como foi:</b> | Sim, uma vez por ter um problema que não consigo parar de tremer o corpo, as pessoas ficam encarando rindo. Foi um constrangimento. | Sim. Na Universidade passei apenas por uma situação de constrangimento por parte de professor, mas tenho problemas emocionais que são bem anteriores à universidade. | A situação de sofrimento que eu passei foi no sexto período, em uma turma que tinham duas meninas que ficavam me criticando, principalmente quando eu ia apresentar algum trabalho. Elas criticavam muito e dava para perceber que estavam me criticando. Então, eu não me sentia confortável na sala e, devido a isso, eu ficava com muita vergonha de apresentar |

|  |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--|--|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  | <p>alguma coisa, de falar alguma coisa na sala. Eu sofri muito com isso, então eu tenho isso como uma situação de sofrimento.</p> <p>Outro sofrimento é ter que sair de casa e andar todos os dias, quase todos os dias, quase 100 km para chegar na faculdade, ainda mais eu que tenho esses problemas de depressão, que tenho todo esse sofrimento que você já sabe. Tem dias que não dá vontade de ir, inclusive já aconteceu várias vezes comigo de não conseguir ir por estar mal, por estar ansiosa, por estar sentindo alguma coisa.</p> <p>A gente sair de casa todos os dias, nesse mesmo percurso, uns noventa e pouco quilômetros e chegar numa sala de aula e você ter todo um problema, uma ansiedade, uma depressão, aí você chega em uma sala de aula, ainda acha colegas para fazer gracinhas com sua cara.</p> |
|--|--|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                                                                                                                                                                  |                                    |                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                  |                                    |                                                                                                                                                                 | Não é fácil a gente já sofrer, por estar passando por uma depressão, uma ansiedade, alguma coisa assim, porque é do que eu sofro e chegar em uma sala de aula ainda ter que se deparar com aquilo que eu vivi no sexto período, semestre passado. Não foi fácil. Doloroso demais |
| <b>Na ocasião do sofrimento, revelado na pergunta anterior, você recebeu algum tipo de apoio da universidade? Se sim, qual? Se não, que tipo de apoio você esperava receber?</b> | Sim. As professoras me defenderam. | Eu não tive apoio, pois não procurei. Fiquei com receio, já que o assédio moral que sofri foi por parte de professor.                                           | Eu tive apoio, sim, da professora. Eu conversei com ela e ela chamou à atenção das meninas, conversou com elas e as meninas pararam. Não me incomodaram mais                                                                                                                     |
| <b>O que você acha das políticas de saúde mental oferecida pela universidade?</b>                                                                                                | Boas                               | Acho muito importante o auxílio financeiro oferecido pela UFT para quem precisa de atendimento de uma equipe multiprofissional, com psicológico e psiquiátrico. | O que eu sei é que quando estou mal, sempre mando mensagem para os professores. Até hoje, todos me entenderam.                                                                                                                                                                   |
| <b>Tem alguma coisa que não foi perguntada e você queira falar?</b>                                                                                                              | Não                                | Não tenho outra questão para falar.                                                                                                                             | Não. Era isso mesmo.                                                                                                                                                                                                                                                             |

Fonte: Quadro elaborado por Douglas Reis dos Anjos (2024)

Como já dissemos, para essa pesquisa buscamos estudantes do Curso de Pedagogia. Numa conversa prévia, tínhamos 9 (nove) possíveis sujeitos, entretanto, como podemos perceber pelo quadro acima, tivemos apenas 3 (três) que aceitaram fazer parte da pesquisa, leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), permanecendo até o final da investigação. Sendo as

participantes: mulheres, (2) duas negras, e (1) uma branca, em relação à idade, duas têm 23 (vinte e três) anos e uma com 22 (vinte dois). Duas entraram na universidade em 2019 e uma em 2020. Das 3 (três) participantes, apenas Vanúbia, fez questão de que seu nome fosse revelado, portanto, os nomes Noeli e Renata são fictícios. Cabe ressaltar que as entrevistas foram realizadas em 2023. Percebe-se que por si só a situação de entrada no espaço universitário já pode causar estresse e ansiedade, relatados pelas participantes da pesquisa.

Em relação à pergunta: você já passou ou passa por situação de sofrimento na universidade? Se sim, explique como foi”. Elas responderam:

Vanúbia explica que passou por situação de sofrimento, pois tem uma condição corporal que a faz tremer, sem que consiga controlar, conta que as colegas a encaram e riem, o que causa um grande desconforto e constrangimento. A estudante conta que frequentemente tem vontade de desistir do curso, por causa dessa intimidação.

Noeli revela que passou por situação de sofrimento por parte de um professor, o que a fez ficar muito desestabilizada, com crises frequentes de choro, mas que entende que seus problemas emocionais são muito anteriores à sua entrada no curso superior.

Renata conta que sofreu por situações causadas por duas colegas de aula que riem o tempo todo dela, no semestre passado. Desse modo, a estudante que sofre com depressão já faz bastante tempo, sentia-se desencorajada de, por exemplo, apresentar trabalhos e, até mesmo falar em sala de aula, sentia-se inferiorizada, envergonhada, não acolhida. Renata diz que sentia que a situação era mais agravada pelo fato de ter que vir de longe todos os dias, quase 100 Km, para chegar na universidade e ser chacoteada. A moça ratifica que é uma situação desestimuladora de continuar o curso, tendo que fazer uma grande força para conseguir vir todos os dias e que às vezes não conseguiu vir para a universidade, já que tem problema de depressão, se sentia ansiosa e com outros sintomas. Sofreu muito com essa situação. Em suas palavras “*Doloroso demais*”. Com todo esse sofrimento, Renata demonstra que a universidade não era, para ela, um ambiente acolhedor.

Dentro do espaço universitário as relações interpessoais e a crescente cobrança que envolve a vida acadêmica, para moldar-se a instituição, pode aumentar a insegurança psíquico (Mota, Pimentel e Mota, 2023). Por conseguinte,

urge a identificação dos sujeitos em sofrimento psíquico, porém uma das grandes limitações que evidenciamos no campus de Arraias é de não contarmos com serviços de acolhimento de uma equipe multiprofissional que conte com pedagogos, assistentes sociais e psicólogos e/ou psiquiatras no apoio estudantil.

Quando questionadas: na ocasião do sofrimento revelado na pergunta anterior, você recebeu algum tipo de apoio da universidade? Se sim, qual? Se não, que tipo de apoio você esperava receber?

Vanúbia respondeu que quando sofreu essa situação, as professoras a defenderam. Sentindo-se assim acolhida. Já Noeli, revela que não teve apoio, mas que também não procurou, por ter ficado com receio, já que o constrangimento sofrido aconteceu por parte de um professor. A estudante revela que desconhece seus direitos em relação ao assédio moral advindo do professor. Portanto, compreendemos que essa é uma lacuna que precisamos melhorar no trato com os estudantes, que precisam conhecer formas de denunciar tais abusos.

Renata explica que com a ação firme da professora em relação às colegas, o problema foi suprimido e, estas não a incomodaram mais. O que aponta que algumas soluções simples, podem ser bem efetivas para resolver problemas de assédio moral por parte de colegas. Percebemos a importância da ação dos professores no caso em que o sofrimento surge a partir de atos de colegas ou de outros professores.

Na questão: O que você acha das políticas de saúde mental oferecidas pela universidade?

Vanúbia responde que são boas, porém não sabe explicar quais seriam as boas políticas. Renata responde que apenas procura os professores quando está com alguma dificuldade e que tem sido atendida. Também, demonstrando desconhecimento de políticas efetivas da universidade em relação ao sofrimento psíquico dos estudantes. Já Noeli, aponta como uma política importante o fato de a universidade disponibilizar auxílio financeiro para estudantes em sofrimento. Essa situação demonstra a necessidade de uma construção e informação acerca de políticas públicas universitárias para estudantes em sofrimento psíquico. É importante ressaltar que Noeli revela ter seguidamente ideações suicidas.

Lembrando que já tivemos vários suicídios de estudantes da Universidade Federal do Tocantins. Porém, não há um espaço onde se debata o sofrimento psíquico, no intuito de saber como lidar, combater, amparar e preveni-lo no espaço

universitário. Desse modo, fica evidente a necessidade de criar e implementar políticas assistências, para quem está chegando à universidade, por esta ser, para muitos, completamente nova e, também para aqueles que não se adaptaram ou que estão sofrendo por algum motivo, que não necessariamente seja atrelado à formação, mas que fique mais sobrecarregado a partir desta. Todas as participantes dizem não ter mais questões a apresentar em relação a essa temática. Nos colocamos à disposição para seguir as ouvindo, sempre que elas acharem necessário.

A universidade é um espaço de aprendizado, entretanto, é, também nessa fase de universidade que muitas vezes o(a) jovem tem que sair de casa, colocando à prova sua situação financeira e emocional. A moradia longe de casa ou os longos percursos para chegar às aulas, juntamente com outras experiências, como por exemplo, a necessidade de acompanhar o ritmo de sua turma na instituição, pode impactar a saúde mental.

Por fim, compreendemos, ainda, que o grande fluxo de trabalhos exigidos nos cursos universitários, são também formas de pressão naquelas pessoas que já se encontram em sofrimento. Por conseguinte a universidade acaba por aumentar o sofrimento daquelas que já apresentam uma autoestima baixa, assim não são raras as ideias de desistir, inclusive do próprio curso. Percebemos que quando se cobra mais do que se cuida, as pessoas não conseguem apresentar os resultados esperados e ficam mais frustradas consigo mesmas. Esse sofrimento aparece, frequentemente, como algum resultado no corpo, como algumas doenças que são na verdade sintomas do sofrimento.

## **6 FECHAMENTOS DAS CENAS**

Cabe ressaltar que há uma expectativa por parte dos ingressantes na universidade, a qual pode se confirmar ou não, pois segundo Matos (2013, p. 13) os/as estudantes “vivenciam um choque de realidade, pois expandem seus valores culturais e sociais construídos durante seu processo de maturação e irão construir e reconstruir novos hábitos, e conseqüentemente sua identidade”, forjada, também no espaço acadêmico.

Sugere-se, além da criação de políticas de acolhimento e acompanhamento universitário, o incentivo e divulgação de ações de enfrentamento, que podem ser realizadas pelo próprio coletivo estudantil, como criações de grupos de apoio, rodas de conversa, debates sobre o tema, teatro, entre outras iniciativas. É necessário

pensar em atividades de lazer, as quais não tenham a pressão da obrigação ou do academicismo, utilizando exemplos de outras instituições na tentativa de amenizar o sofrimento. Para tanto, corroboramos com Mota, Pimentel e Mota (2023), quando apontam a indispensabilidade de mudanças nos Projetos Pedagógicos dos cursos, levando em consideração essas questões.

Pensamos que os cursos promovem um distanciamento entre corpo e mente, levando à exaustão. Pois não há previsão de corporeidade e exercícios, com cursos muito presos a uma ótica conteudista de sala de aula, com corpos muito parados, por horas a fio. Poderíamos ter, por exemplo, uma pista de caminhada ao redor da universidade, aulas de dança, esportes, encontros de estudantes, o que não prejudicaria o andamento dos cursos. Propõem-se ainda, espaços mais dialógicos entre professores e estudantes, não só para tratar de conteúdos, mas da vida universitária, em si, baseando-se em exemplos de outras universidades, como a Estadual de Maringá, em que esses grupos têm mostrado eficácia no combate ao sofrimento psíquico. Ressalta-se ainda, que a implementação de políticas de prevenção ao sofrimento psíquico não deve esperar que o estudante sofra, devem ser, portanto, preventivas. (Mota, Pimentel e Mota, 2023)

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das entrevistas, bem como da fundamentação teórica realizada, este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo chamar a atenção para o cuidado que as instituições de ensino, em especial a Universidade Federal do Tocantins, no campus de Arraias/TO, devem ter com o sofrimento psíquico dos estudantes. Sabemos que os níveis de angústia no meio acadêmico são bastante elevados e preocupamo-nos ainda mais com os efeitos pós pandemia de Covid-19, onde se verificou um aumento significativo desses casos, pois o mundo passou por um grande período de isolamento, no qual muitos saíram com algum sofrimento psíquico ou tiveram algum tipo de aceleração dos sintomas que já se apresentavam.

O que se pode notar no presente trabalho é que não há de fato uma política de assistência estudantil voltada ao sofrimento psíquico, o que nos parece bastante ilógico, já que a necessidade é premente. Sentimos a falta, por exemplo, de uma equipe multiprofissional que conte com pedagogos, assistentes sociais e psicólogos e/ou psiquiatras no campus de Arraias, para atender as demandas estudantis, para que esses/essas estudantes se sintam acolhidos/acolhidas e tenham quem

ouvi-los/ouvi-las. Outra sugestão que propomos são atividades envolvendo exercícios físicos, que já são realizadas em outras universidades, apresentando bons resultados, como, por exemplo, caminhada ou dança, pois a impressão que temos é de que nosso corpo é desconsiderado, é como se tivéssemos uma separação corpo/mente. Sugerimos ainda, o retorno do projeto Permite que eu fale, para que as vozes silenciadas possam ser escutadas.

Queremos chamar a atenção, também, que as pessoas que participaram da pesquisa são todas mulheres e, que mesmo aquelas que desistiram de participar, pelo menos 90% (noventa por cento) são mulheres. Isto nos dá um indicativo que o ambiente universitário pode ser hostil às mulheres mais vulneráveis, o que urge providências na criação de políticas voltadas a este público.

Além disso, nós estudantes, de modo geral, muitas vezes percebemos que nossas queixas não são levadas em consideração. Assim, cansamos de procurar ajuda dentro da universidade, parece que o que falamos nem sequer é ouvido. O sofrimento psíquico é uma realidade, inclusive trágica na UFT, visto que já tivemos vários estudantes que cometeram suicídio e como apresentamos, num instrumento de pesquisa realizado em uma palestra, vários responderam ter ideias suicidas.

Sei que não pedimos muito, o que queremos é sermos escutados, em espaços livres de julgamento, com o maior acolhimento possível, demonstrando preocupação com aqueles e aquelas com sintomas de sofrimento psíquico no âmbito da Universidade Federal do Tocantins, no campus de Arraias/TO.

Por fim, agradecemos às três mulheres que nos deram suas palavras, Vanúbia, Renata e Noeli, em meio ao sofrimento que estavam passando, pois elas ajudam a elucidar outras situações cotidianas da universidade. E, afirmamos que este texto deseja provocar uma ampliação desta discussão em diferentes espaços da UFT, assim como desejamos aprofundar esta pesquisa num curso de Mestrado. Enfatizamos que a universidade tem que providenciar medidas para perceber e minimizar o sofrimento psíquico dos estudantes, bem como estresse e evasão.

## 8. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERNARDES, Luzia Vieira da Silva; ROSA, Carlos Mendes. Saúde Mental na Universidade: reflexões sobre o contexto atual e suas implicações no campo da subjetividade dos jovens universitários. In: **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.59, 2022.

DANTAS, Edmundo Brandão. Mídia eletrônica, novas mídias e sustentabilidade. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**, Portugal, 2009.

DUNKER, Christian; TEBAS, Cláudio. **O Palhaço e o Psicanalista**: Como escutar os outros pode transformar vidas. 2 Ed. São Paulo: Planeta, 2022.

EVARISTO, Conceição. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Entrevista à jornalista Juliana Domingos de Lima, para o **Nexo Jornal**, em 26 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-ev-aristo--%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 20 set. 2023.

MATOS, Nayara Andrade de. **Conhecendo o sofrimento psíquico dos universitários da Faculdade de Ceilândia**. 2013. 69f. Monografia (Bacharelado em Terapia Ocupacional) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/6906>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(3):621-626, Rio de Janeiro, 2012.

MOTA, Alice Agnes Spíndola; PIMENTEL, Sidiany Mendes; MOTA, Marta Romilda Spíndola. Expressões de sofrimento psíquico de estudantes da Universidade Federal do Tocantins. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 49, e254990, 2023.

SILVA, Ana Beatriz. Mentes depressivas. Sem Censura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xxzY1CrgjGU>. Acesso em 21.01.2024